

Kissinger conversa com empresários e mostra otimismo sobre Brasil

por J. A. Tiradentes
de São Paulo

A questão da dívida externa e os reflexos negativos que eventuais radicalizações de posicionamento de alguns credores internacionais possam trazer ao País, praticamente, monopolizaram ontem, em São Paulo, a conversa que empresários paulistas tiveram com o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger. Ele veio ao Brasil mais para ouvir os empresários do que propriamente falar. Mas no final do encontro, avaliam alguns dos que estiveram presentes, acabou deixando uma consistente dose de otimismo, por defender posições bastante próximas das que alguns empresários tiveram condições de expor.

Na linha de preocupações, destacou-se, na definição de Paulo Affonseca de Barros Faria Júnior, 1º tesoureiro da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP-CIESP), de um lado, a problemática da evasão de capitais brasileiros para a amortização do principal e para o pagamento dos serviços da dívida. E de outro, acrescentou, o receio do endurecimento de alguns credores, que "resultaria em medidas ainda mais recessivas e que pudessem, conseqüentemente, levar o País a uma explosão social".

Kissinger, por sua vez, segundo Faria Júnior, não incluiu o Brasil entre as principais preocupações que, no seu entender, devem ter os credores. "O montante da dívida brasileira não é exatamente o que mais preocupa Kissinger, pois ele entende que todo o dinheiro buscado no exterior foi aplicado em investimentos de retorno a longo prazo", disse Faria Júnior. Por outro lado, contudo, continua o empresário, Kissinger analisou a situação dos credores que, segundo entende, também teriam sérias dificuldades, caso não continuassem recebendo.

"Dai", conta Faria Júnior, "ter defendido a tese de que a solução do endividamento dos países em desenvolvimento tem necessariamente de passar por uma posição política do governo norte-americano." O que, em outras palavras,

explica o empresário, consistiria num real apoio do governo norte-americano aos bancos americanos, sem, contudo, fornecer maiores detalhes sobre o que interpreta como "apoio". Particularmente, relata Faria Júnior, Kissinger entende que "cada caso é um caso" e é assim que deve ser encontrada a solução mais adequada para cada um dos países devedores. E mostrou que, com entidades empresariais, os bancos devem responsabilidade aos acionistas.

"Kissinger enxerga o Brasil como sendo um país de posição emergente", interpretou Rui Martins Altenfelder Silva, vice-presidente da CIESP. E tanto ele quanto Faria Júnior disseram ter saído do encontro bastante otimistas. "Saí animado por ver Kissinger defender posições que eu, particularmente, não pensava que tivesse. Ele demonstrou extrema sensibilidade ao analisar a situação do Brasil", conclui Faria Júnior.